

RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIAS: NARRATIVAS DA FORMAÇÃO HISTÓRICA E TERRITORIAL DO CENTRO DE GOVERNADOR VALADARES (MG)

HISTORY AND MEMORIES INTERWEAVING: NARRATIVES AND HISTORIC FORMATION OF THE TERRITORIAL CENTER OF GOVERNADOR VALADARES (BRAZIL)

Patrícia Falco Genovez¹

Cristiane Caldas Diniz Teixeira²

Tiago Farias Braga³

RESUMO:

Este artigo apresenta uma análise da formação histórica do bairro Centro, localizado na cidade de Governador Valadares (MG) a partir da articulação entre os discursos constituídos documentalmente e os relatos de memórias de três moradores, entre as décadas de 1920 a 1970. Para executar esse percurso traçamos em linhas gerais a formação histórica da cidade em termos documentais; num segundo momento, propomos um percurso pelo Centro a partir das narrativas colhidas. Por fim, uma articulação entre memória/História, narrativa e território. Consideramos que pensar esse processo de forma integradora, requer a intervenção de diversas dimensões territoriais e exige redimensionar a linearidade espaço-temporal de alguns documentos oficiais.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Memória; Espaço; Território; Governador Valadares.

ABSTRACT:

This article presents an analytical approach to the Governador Valadares downtown history having as source an interweaving of some official document accounts, alongside with some memory narratives of three old dwellers from 1920 to 1970. As start point of this essay we build up some generic lines of the historical formation of the city made out from official documents. As a second step, the research makes a kind of tour in the Centre using as guide some selected narratives. We end up with an articulation between Memory and History. We argue that to think this process as a whole requires the intervention of varied territorial dimensions and resizing the normal space and time linearity of some lectures of the official documents.

KEYWORDS: Narrative; Memory; Space; Territory; Governador Valadares.

¹ Doutora e mestra em História pela Universidade Federal Fluminense e graduada em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com pós-doutorado em Teoria e Metodologia da História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora titular da Universidade Vale do Rio Doce. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9531427794137589>.

² Mestra em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce e graduada em Direito pelas Faculdades Jorge Amado. Advogada. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1551883187466656>.

³ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce, graduado em Direito pela Universidade Cruzeiro do Sul e em Ciências Militares pela Academia da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4929078354364448>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

01 – INTRODUÇÃO

Analisar a formação histórica de uma cidade exige antes de tudo um esforço interdisciplinar. Esse esforço torna-se ainda mais contundente quando o entrelaçamos a coleta e análise de narrativas de antigos moradores. Esse exercício nos leva a considerar a história da cidade não apenas a partir de seus discursos constituídos, oriundos de documentos oficiais, mas, nos leva a considerar que essa mesma história apresenta uma face movediça e porosa que se expressa por meio dos testemunhos de seus moradores.

Longe de traçarmos uma linha antagônica entre história e memória, o que propomos é uma aproximação entre ambas. O objeto em foco, a formação histórica e territorial do bairro Centro, localizado em Governador Valadares, ainda conta com testemunhos oculares. Eles estiveram presentes em diferentes momentos da formação da cidade e se dispuseram a nos contar suas vivências. Suas narrativas não revelam um passado congelado e intacto, mas, desvelam percepções que afloram a partir de um processo duplo que envolve tanto a memória quanto o esquecimento. Nossos colaboradores contribuíram com fragmentos narrativos que foram relevantes o suficiente para resistir ao tempo, ganhando novos realces e entonações que não dispõem mais de um suporte espacial para ancorar-se. Eles narram seus próprios percursos entrecruzados ao da cidade. Este último, o da cidade, mostra-se rico e complexo, visto que ocorreu de forma distinta em cada uma de suas regiões. Por isso, nosso recorte recairá sobre o bairro central da cidade. Denominado apenas como Centro, esse bairro será compreendido não só a partir de um discurso já posto documentalmente, mas, levando-se em consideração suas ‘várias histórias’. Para executar esse percurso, primeiro, traçamos em linhas gerais a formação histórica e territorial da cidade em termos documentais; num segundo momento, propomos um percurso pelo Centro a partir das narrativas colhidas. Por fim, uma articulação entre memória/História, narrativa e território.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

02 – O DISCURSO HISTÓRICO E A FORMAÇÃO TERRITORIAL DA CIDADE

No processo de entendimento da formação histórica do bairro Centro de Governador Valadares, faz-se necessário, preliminarmente, contemplar o contexto histórico dessa cidade a partir de fontes documentais e da historiografia local e regional. Nesse sentido, deve-se destacar que Governador Valadares é uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais, situada na região do Vale do Rio Doce, no leste do Estado, à margem esquerda do Rio Doce, conforme Figura 1.



Figura 1: Localização de Governador Valadares. Fonte: Google Maps.

É importante observar que o município tem uma posição territorial privilegiada, uma vez que é servido pela Estrada de Ferro Vitória-Minas (primeira estação inaugurada em 1910), da Companhia Vale, e pela rodovia Rio-Bahia (BR-116 - 1944), bem como se liga à capital do Estado pela BR-381 (1952), ficando a 324 km de Belo Horizonte. Em termos populacionais, Governador Valadares é uma cidade de porte médio, com população de 263.689 pelo Censo de 2010, estimada em 2013 com aproximadamente 275.568 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

Em uma análise dos encontros e desencontros, caminhos e descaminhos que levaram à constituição do município valadarense, vale salientar que essa área da bacia do Rio Doce foi uma das últimas ocupadas no Estado. Tal fato se deu devido ao receio da Coroa Portuguesa de contrabando do ouro e diamante para o litoral do Espírito Santo, “criou-se as zonas proibidas do rio Doce”, proibindo assim a ocupação, bem como a ligação viária e fluvial como qualquer outra região (FONSECA, s/d).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Por esse prisma, ressalta-se que a região já foi habitada por Botocudos, até meados de 1808, quando os veios auríferos se esgotaram e a proibição de ocupação perdeu o sentido (FONSECA, s/d; ESPINDOLA, 1994, p. 14). Iniciou-se, nesse período, o lento processo de ocupação, com a “Guerra Ofensiva aos Botocudos” e os “incentivos fiscais e financeiros aos interessados em se fixar na região” (GUIMARÃES, 2002, p. 52; ESPINDOLA, 1994).

Figueira, posteriormente Governador Valadares, começou com a rua “de baixo”. Era um pequeno povoado, formado por um aglomerado de casebres em torno de um porto de canoas, denominado “Porto Dom Manoel”, protegido pelo quartel militar com o mesmo nome, instalado em 1810. Devido a sua posição estratégica, tornou-se um acanhado entreposto comercial de mercadorias indispensáveis para a sobrevivência da população do Nordeste do Estado e Espírito Santo (FONSECA, s/d; ESPINDOLA, 1994).

Com a inauguração da estação ferroviária de Figueira em 1910, concretiza-se a posição de entreposto comercial e inicia-se o processo de crescimento do pequeno vilarejo com a chegada da primeira leva de famílias oriundas da região de entorno, autodenominadas pioneiras. Em meio a esse processo, destacam-se duas correntes migratórias, sendo uma proveniente da zona rural para a área urbana e outra dos “mercadores itinerantes”, ou seja, de “forasteiros”, tropeiros e comerciantes (FONSECA, s/d; ESPINDOLA, 1994; SIMAN, 1988). Nesse sentido, destaca-se a diferença estabelecida entre “pioneiros” e “forasteiros”. Os últimos eram homens solteiros, que vieram de outras regiões, sem bens, posses ou família, que buscavam trabalho na ferrovia, no comércio e nas fazendas. No contraponto, os “pioneiros” eram homens da região, que chegaram com suas famílias, suas posses e se estabeleceram no comércio e nas terras locais, deflagrando uma intensa luta pela terra e um processo irreversível de dano ambiental provocado pelo desmatamento local (SIMAN, 1988).

O processo de crescimento populacional do então distrito começou lento, acelerando-se nas décadas de 1920 e 1930. O auge desse processo se deu entre as décadas de 1940 a 60. Em 1930, a população era de 2.103, em 1940 chegou a 5.743, em 1950 já era de 20.357 e em 1960 chegou a 70.494 habitantes. Apesar da

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

diminuição do ritmo a população continuou num crescente, atingindo 125.174 habitantes, em 1970 (ESPINDOLA, 1994).

É relevante observar que Governador Valadares, nos seus primeiros tempos, era bem diferente do que é hoje. Era um arraial ermo, empoeirado e sem calçamento. Tinha “quase” que uma rua só, a Prudente de Moraes, cuja parte de cima dava para um largo cheio de toras de madeiras e a parte de baixo para a fazenda da família Cabral, próximo de uma cachoeira, tendo a direita o matadouro e a esquerda o cemitério (conforme Figura 2). Os postes ficavam no meio da rua com apenas alguns fios passando. A estrada de ferro passava em paralelo com a rua Prudente de Moraes (SANTOS, 2000).



Figura 2: Vista parcial de Governador Valadares (antigo distrito de Figueira), com a linha férrea em primeiro plano. Fonte: Arquivos do CEDAC/ UNIVALE. Data: década de 1930

O lugarejo tinha problemas com o abastecimento de água, saneamento básico e eletricidade. Sofria com diversas doenças como a malária, leishmaniose e esquistossomose (VILARINO, 2015). Em contrapartida, o comércio era a atividade econômica mais importante na região, o Pico da Ibituruna era coberto de mata verde e o rio Doce era largo e de águas límpidas (ESPINDOLA, 1994; FONSECA, s/d).

A emancipação do então distrito de Figueira do município de Peçanha ocorreu em 31 de dezembro de 1937 (por meio do Decreto-lei Estadual nº 32). O município de Figueira foi instalado em 30 de janeiro de 1938, data comemorativa do aniversário da cidade. Em fins de 1938 (por meio do Decreto-Lei Estadual nº 148 de 17/12/1938) seu nome foi alterado de Figueira para Governador Valadares. Com a

emancipação política, a jovem cidade cresceu vertiginosamente, transformando radicalmente sua paisagem urbana. A cidade se transformou num polo regional durante as décadas de 40 e 50, por concentrar as atividades comerciais e de prestação de serviço, mas, principalmente, pela crescente exploração dos seus recursos naturais: “madeira, pedras preciosa, mica e solos férteis” (ESPINDOLA, 1994, p. 23).

Dentro deste cenário de desenvolvimento, a cidade começou a receber uma nova demarcação, por meio do surgimento dos bairros que abrigariam os trabalhadores da indústria madeireira. Em resposta aos problemas sanitários decorrentes desse aumento vertiginoso da população a cidade passou a ser alvo de programas do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Os programas buscavam sanar a falta de estrutura prévia e adequada para o crescimento populacional desordenado. (VILARINO, 2008).

Mas, como seria o cotidiano em Figueira e, posteriormente, Governador Valadares? No próximo item buscaremos entrelaçar os dados obtidos em fontes oficiais e já constituídos enquanto historiografia local com as vivências e experiências de quem viveu esse período.

03 – O CENTRO DA CIDADE, SUAS NARRATIVAS E SEUS DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS

Nesse processo de reconstrução da história da formação do bairro Centro de Governador Valadares, lançou-se mão da metodologia da história oral, através das narrativas de três antigos moradores do bairro. Destaca-se que cada um dos colaboradores chegou à cidade num tempo diferente, o Sr. MR chegou em 1933, o Sr. AC em 1964 e o Sr. ZC em 1973.⁴ Juntos eles completam o recorte temporal pretendido para a realização desse artigo, entre as décadas de 1920-30 até a década de 1970, ou seja, da formação ao início do período de estagnação.⁵

⁴ Informação oral concedida pelos senhores MR, AC e ZC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

⁵ Denominamos os colaboradores apenas com suas iniciais para resguardá-los.

Ressalta-se que as entrevistas realizadas tinham um roteiro previamente elaborado sem, contudo, tirar a liberdade dos colaboradores expressarem suas memórias, revelando uma cidade desconhecida; um território onde as narrativas não só se encontram, mas se cruzam revelando diversas histórias: do cotidiano, de perigo, de diversão, de alegria, de tristeza, de vida.

Nesse sentido, as entrevistas não são a própria história, são fontes orais, e como toda fonte, são “pistas” para se conhecer o passado e o presente. Ao narrar os acontecimentos passados, as experiências vividas, o colaborador dá vida às suas memórias e constrói o seu passado transformando-o em linguagem; ou seja, o passado é (re)construído a partir do presente. Por esse prisma, salientamos que o mais fascinante numa narrativa é a possibilidade de “vivenciar as experiências” do colaborador, de mergulhar nas suas lembranças, na sua intimidade e na sua história (ALBERTI, 2003).

Mas, fica a questão, antes de iniciarmos nosso percurso pelo bairro Centro: o que é um bairro? Esta pergunta, do ponto de vista do senso comum, pode levar a uma resposta mental imediata da imagem de uma das várias partes em que se divide uma cidade, o que coincide parcialmente com a noção de bairro em um mapa, vista por cima, numa espécie de *olhar totalizante* (CERTEAU, 1996). Todavia, o conceito teórico necessário a uma abordagem que contemple a formação histórica do centro de uma cidade deve, por outro lado, ter uma dimensão mais abrangente do que uma simples visão metonímica de uma parte pelo todo.

Nesse sentido, observa-se que etimologicamente a palavra bairro pode ser referenciada ao latim *barrium* (parte do território de qualquer povoação), ao árabe *barri* (de fora, separado) e o *borough* do inglês, o que não se distancia muito da definição do vernáculo: “Cada um dos núcleos habitacionais, industriais ou comerciais em que uma cidade é dividida” (LOVISOGO, 1992, p. 117). Não obstante as diferenças existentes entre o etimológico e o lexical, esses guardam uma notável semelhança intrínseca, que é o fato de ambos serem percepções exteriores ao objeto, e por isso, guardam a mesma limitação no que se refere aos aspectos relacionais *intra* bairro.

Com o objetivo de se superar tais limites conceituais, a caracterização do bairro pode se dar num *continuum* entre o material e o simbólico, abarcando tanto

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

aspectos mais administrativos e geográficos quanto o sentimento de localidade dos moradores, o intercâmbio entre as famílias e pessoas no espaço (BARROS, 2002). Assim, pertencer “a uma cidade, vila ou bairro, não é apenas viver nela, mas sim participar ativamente de seu cotidiano, de seus ritos e costumes” (GONÇALVES, 2002, p. 17). Vejamos, portanto, como cada um dos nossos colaboradores vivenciaram o bairro onde moraram: o Centro de Governador Valadares.

a) Sr. MR e as narrativas de uma Valadares em seus primórdios

Sr. MR, mecânico aposentado, nasceu em 1930, em Teófilo Otoni. Chegou ao então distrito de Figueira em 1933. Avisado antecipadamente sobre a entrevista fez algumas anotações e separou fotografias antigas para mostrar para a equipe de pesquisa. Iniciou sua narrativa determinando uma espécie de princípio dos tempos da cidade:

Eu vou contar coisas anteriores a mim, por exemplo, pra ficar mais clara as coisas, eu anotei aqui ó... Em 1909, o engenheiro Dr. Siciliano Abel fez o traçado da cidade: Floriano, Avenida Minas Gerais e a rua Peçanha. O pessoal fala que foi o Serra Lima que fez o traçado da cidade, mas não foi. Depois, a câmara de Peçanha autorizou o engenheiro que veio aqui fazer a planta da cidade, o nome do engenheiro era.... Já foi em 1915, topógrafo Olímpio de Caldas Freitas, que fez a planta da cidade. Ele tinha um auxiliar que chamava José Serra Lima que ficou conhecido como quem fez a planta, mas ele não fez a planta. José Serra Lima teve o cuidado de manter a marcação, por isso que a cidade é bem traçadinha assim. Ele não deixava fazer coisa fora do alinhamento, entendeu?! Tudo em ordem ficou muito útil demais. Agora eu vou falar da primeira indústria Valadares em 1900 e deixa eu ver... Valadares em 1930 tinha 2.103 habitantes que era pequenininho?! [Por volta de] 1933 e 1938 devia ter uns 5.000 habitante, estava crescendo.⁶

Na narrativa do Sr. MR, falar do Centro é o mesmo que falar da cidade e vice-versa. Ele, de forma bastante objetiva, estabelece uma espécie de ‘pré-história’ que nos fornece um panorama do Centro/cidade antes de sua chegada à Figueira. Além disso, o Sr. MR demarca um mito fundador que contesta o discurso oficial quanto à planta da cidade. Com isso, delimita uma temporalidade distinta que realça uma ancestralidade de uma dada área central que, provavelmente, já se destacava das casas esparsas pelas imediações (conforme Figura 3). Com todos os dados anotados

⁶ Informação oral concedida pelo senhor MR aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

e munido de fotografias antigas, nosso colaborador busca dar consistência e até um certo ar de cientificidade em seu discurso narrativo mesclando-o a dados demográficos precisos.



Figura 3: Vista parcial de GV – 1942. Fonte: Fotos antigas e atuais de Governador Valadares MG (Facebook).

Paralela à demarcação de uma ancestralidade, Sr. MR ilustrar os primórdios do então distrito de Figueira e revela um personagem que marca um período singular na primeira década do século XX: o engenheiro Siciliano Abel. Esse personagem emerge de um cenário: o da construção da ferrovia Vitória-Minas, inaugurada em 1910, consolidando o distrito como um entreposto comercial na localidade. Documentos oficiais sobre o traçado urbano dão relevo apenas ao que o Sr. MR aponta como sendo um segundo momento de ‘urbanização’, com o traçado feito pelo topógrafo Olímpio de Caldas Freitas. Mas, as memórias do Sr. MR antecipam esse movimento de ‘urbanização’ inicial do Centro, com a abertura das atuais Avenida Minas Gerais e a rua Peçanha, próximas à antiga estação ferroviária (nas imediações onde hoje se localiza a sede da Prefeitura Municipal, conforme Figura 4).

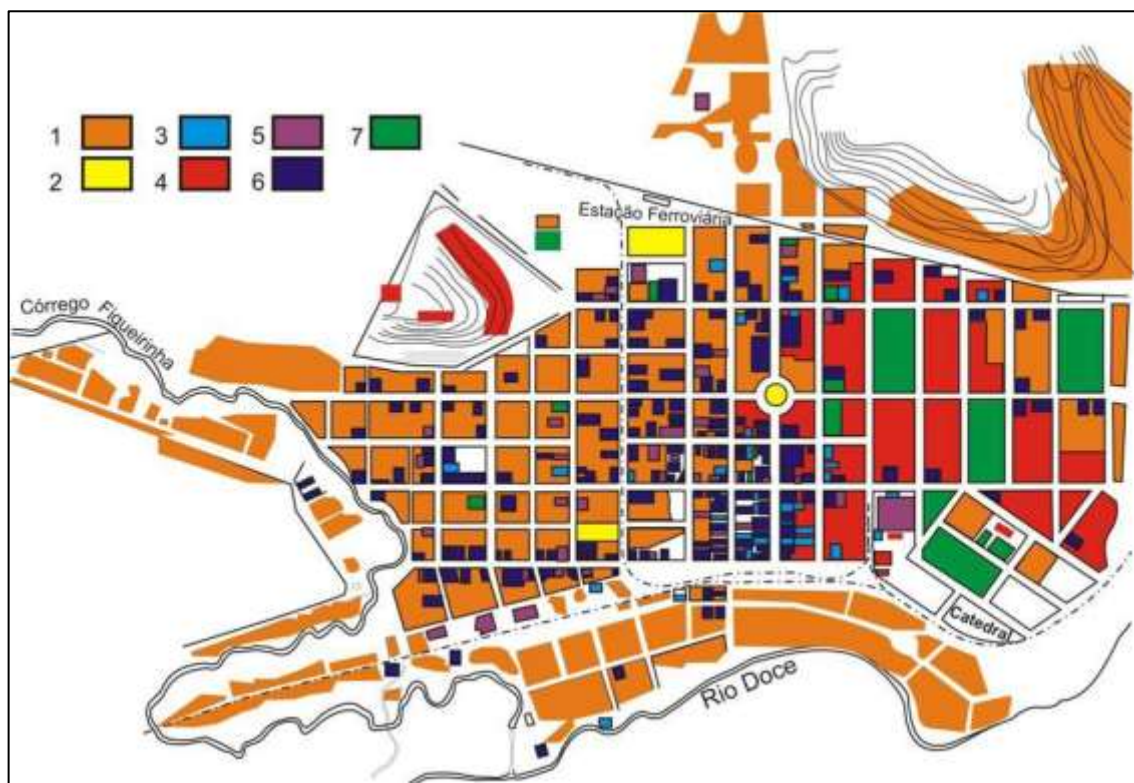


Figura 4: Traçado urbano de Governador Valadares. Fonte: GUIMARÃES, C. M. de O. Novos Valores, velhas questões. O planejamento urbano em Governador Valadares. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, UFMG, 2009. p. 54. OBS: Dados modificados a partir de Strauch (1958). Legenda: 1. Casas de classe pobre e operária; 2. praças; 3. comércio varejista e artigos de alimentação; 4. casas classe média e alta; 5. indústrias; 6. comércio e artigos manufaturados; 7. serviços públicos, administrativos, escolas, etc.

Para certificar o crescimento da cidade, realçado por dados precisos, o Sr. MR busca em sua memória uma prova incontestável: a instalação de uma fábrica de banha. O fato marcou sua memória pelo desfecho inusitado. A fábrica não se consolidou. Logo na festa de inauguração, o dono foi esfaqueado por um morador local que havia sido repreendido por não estar vestido adequadamente. O criminoso foi absolvido em Peçanha.⁷ Mas, nosso colaborador retoma sua narrativa ressaltando os bons tempos sem, contudo, perder de vista o drama local: a falta de saneamento básico, característica presente em todo o interior do Brasil, entre as décadas de 1940 e 1960.

⁷ Informação oral concedida pelo senhor MR aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

Olha! Pra mim era muito bom né?! Vivia igual índio. Já pensou que beleza?! Hoje não; hoje é complicado! Naquele tempo o povo era mais aconchegante era... menos agressivo, bem menos. Mas, a cidade aqui o Centro... a cidade não tinha luz, não tinha água, não tinha esgoto (era fossa); a água era buscada no rio Doce. Eu lembro que a água do rio Doce era 1,50 a cartola [barril] e o água do [Córrego] do Figueirinha era limpa na época, custava 1 real. Não, 1 cruzeiro. Naquela época era cruzeiro. Não. Naquela época era.... réis. O cruzeiro foi de 42 pra cá e nós vivíamos assim: o sistema de saúde era muito fraco, não tinha nada. Era "raizeiro" que cuidava da gente. Tinha muita febre amarela. Eu tive. Era demais. Tinha a... Dona Zulmira que cuidava dos pobres e dos doentes. Não tinha hospital. O calçamento é o seguinte, eu não sei precisamente qual foi a data. Foram calçando a Avenida; aí foi expandindo o calçamento.⁸

Nesse trecho o Sr. MR nos coloca diante de um enigma, traçando um paralelo entre duas temporalidades: 'naquele tempo' e 'hoje'. Ele nos desafia a compreender a beleza de viver como índio numa pequena cidade do Sertão de Minas Gerais, traduzindo de forma peculiar todo o conceito de sociedade como *algo complicado*. Talvez a dificuldade e a complicação projetadas possam ser mais bem compreendidas se tomarmos por referência o fato da década de 1940 e, mais precisamente, 1942, marcar a chegada do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) à recém emancipada cidade de Governador Valadares. Oriundo de acordos bilaterais entre o Governo Vargas e os Estados Unidos (Acordos de Washington), o SESP teve como missão a erradicação da febre amarela, da malária e de tantas outras endemias que assolavam a cidade e a região; o que impedia a retirada da mica, minério de grande utilização durante a Segunda Guerra. O processo de saneamento, iniciado a partir do Centro foi se espraiando para outras áreas periféricas da cidade e configurou-se num processo complexo que evocava uma mudança radical nos hábitos cotidianos de uma população acostumada a viver 'igual índio' (GENOVEZ, CAZAROTTO, VILARINO, 2012).

Em outras palavras, emerge da narrativa do Sr. MR uma dimensão de natureza, de contato direto entre as pessoas que tornava o bairro o eixo que coordenava espaços-temporais, conectando o Sertão à modernidade da ferrovia que, por sua vez, desbravava a floresta ainda em estado natural. Havia pouca presença do Estado brasileiro. Apartados, até então, de tudo que se aproximava da modernidade, a linha do trem acabou criando um fio umbilical que passou a alimentar o empoeirado

⁸ Idem.

vilarejo com as novidades dos grandes centros, localizados ao longo dos trilhos, especialmente Espírito Santo e Belo Horizonte. Primeiro, estabelecia o Centro como um centro irradiador para a própria Figueira e para os vilarejos próximos em círculos irradiadores de ‘civilização’ para os ‘índios’ do Sertão.

Esses elementos irradiadores de civilização aparecem demarcados não só nas questões de infraestrutura da cidade. Eles saltam ao longo da narrativa do Sr. MR quando o mesmo enfatiza a alegria e a efervescência das áreas do Centro:

tinha uma boemia muito animada. Se não me engano, essa boemia aqui era no estilo igual no exterior. As mulheres eram do Rio Grande do Sul, Paraguai, Uruguai; tinha polonesa. Isso aqui era uma beleza! Ali, perto da Ponte da Ilha, tinha uma caldeira que dava luz para o cinema, na Pudente de Moraes. Chamava Cine Figueira. Era um poeirão ali. A gente assistia filme de Faroeste, em 1942 1940. Depois fizeram o cinema na própria rua Prudente de Moraes. Chamava-se Cine Guarani. Era um cinema “melhorzinho”, tinha ventilador. Ninguém conhecia aquilo ainda; era novidade. Naquele tempo todos fumavam; então, quando passava a projeção, você via a fumaça de cigarro...(risos) em plena projeção. A luzinha ficava até dez horas da noite; era com querosene. Por ocasião da Guerra, por exemplo, aqui em Valadares, chegou muito movimento. É, isso era em 42. Tinha um movimento danado. Aqui tinha muita estação de mica, madeira e gado. Muito mesmo. Isso chamava muito a atenção dos franceses. Vinha muitas personagens de fora. Muita gente importante. Até o governador de São Paulo esteve aqui. Ademir de Barros, Jânio Quadros, Getúlio Vargas, tudo vinha aqui. A Princesa de Luxemburgo teve aqui em Valadares.

Tinha o trem. O trem chegava de Vitória e de Belo Horizonte. O pessoal ficava em cima da estação; muita gente aguardava o trem chegar. Era tudo novidade, não conhecia né O de Vitória não chamava muito a atenção não, entendeu? Então era mais ou menos assim e ficava esperando pra pegar mala outros esperando parente. Era aquela confusão. Tinha muita violência também. Tinha muito pistoleiro, muita... Como é que fala? Invasão de terra dos outros, matava e... Era meio confuso, igual hoje há crime por causa de droga, tivemos por causa de terra, antigamente. Aqui tinha um elemento que cuidava da segurança: o Coronel Pedro. Aqui no Centro não tinha pra bandido não; ele andava dia e noite atrás de vagabundo aí. Se ele visse um caszinho abraçado igual os de hoje, ele levava lá pra igreja, simplesmente casava. [Coronel Pedro] não admitia de jeito nenhum essas coisas.⁹

O Centro entrecortava-se entre vários espaços-temporais, especificando espacialidades e temporalidades nada lineares. Por lá, circulavam estrangeiros de diversas partes do mundo. Na Zona Boêmia, bem próxima ao Centro, belas mulheres ajustavam pontes espaciais que conectavam Governador Valadares à Europa e, ao mesmo tempo, aos pequenos lugarejos que afluíam para conhecer e desfrutar da mais

⁹ Informação oral concedida pelo senhor MR aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

badalada boemia da região. O cinema também cumpria seu papel: aproximava o faroeste americano daquele vivenciado no dia-a-dia do Sertão, em meio à violência cotidiana da luta pela terra. Da poeira do Sertão, o Centro de Governador Valadares emanava as espacialidades e os personagens circulavam trazendo novidades. A Segunda Grande Guerra realinhou o Centro de Valadares à órbita internacional tanto para os negócios da mica, da madeira e do gado quanto no ramo do entretenimento. O trem aparece como sinônimo de novidade. Talvez pudéssemos traduzir essa palavra por modernidade, palmilhada pelo movimento de pessoas que chegavam e partiam de Governador Valadares. No movimento de modernidade que assolou a cidade e o Centro a violência da pistolagem e a reafirmação da moral interiorana encarnada no Coronel Pedro é a face visível da resistência e ao mesmo tempo da contradição produzida intrinsecamente pelo avanço capitalista na região. Esse avanço se fazia presente no comércio intenso que tornou a cidade e o Centro, num polo regional, conforme realça o Sr. MR.

Tinha muito comercio... Vendia couro. Tinha muito couro de animal silvestre. A nossa mata era como que fala... eles falavam que a madeira que nos tínhamos aqui na região dava pra uns 500 anos. Não deu nem pra 50. Hoje não tem mais nada. Eles caçavam esses animais. Vendiam couro de onça, de cobra, de cobra gigante. Era tudo daqui, igual tem lá no Amazonas, tinha aqui, tinha tudo aqui. Da [rua] Barão do Rio Branco pra lá era mata. Da [rua] Barão do Rio Branco pra lá chamava Vila Operaria. Hoje, cresceu muito pra cá. Ali aonde é a Universidade, a Fadivale; lá a Univale, chamava Fazenda dos Cabral. Eu morei lá também, no bairro São Pedro. Morei 18 anos lá. Tudo era brejo. Quando eles montaram a Cobrais uma fábrica de compensado que era a maior da América do Sul. Tinha muita madeira então.... Era de esnobar mesmo e tinha a Açucareira ali. Era fábrica de açúcar. Tinha muita cana, muito trabalho, muito serviço, muito movimentada e pra cá não tinha nada. O campo do aeroporto era no meio da cidade, aqui da....Como que chama? Floriano, perto do posto Jacaré, ali era o aeroporto, depois mudou lá pra... Lá, perto aonde é o [bairro] Santa Rita. Hoje é um bairro muito grande, [na época] chamava Paulo Zenio.¹⁰

O S. MR deixa bem clara a intensidade com que tudo acontecia no Centro. A floresta, comparável ao do Estado do Amazonas, capaz de resistir por 500 anos acabou em 50 anos. Essa era a velocidade com que os espaços-temporais se redimensionavam. Gradativamente, outras ruas vão sendo inseridas ao Centro original: a rua Barão do Rio Branco aparece na narrativa, traçando a fronteira com

¹⁰ Informação oral concedida pelo senhor MR aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

outros bairros como a Vila Operária e o São Pedro, entremeados pelas fazendas próximas. O aeroporto é outro signo da modernidade e da efervescência local. Bem ao lado das ruas principais do Centro, o aeroporto poderia ser traduzido como uma espécie de portal espaço-temporal que encolhia as distâncias e as temporalidades que separavam o Centro de Governador Valadares, no Sertão, dos outros centros do Brasil e do mundo. Nesses cruzamentos de espaço-tempo o Sr. MR espacializou aquele localizado entre a Avenida Minas Gerais e a Israel Pinheiro onde todos assistiam ao jogo a partir de um autofalante, aos domingos. Mas, outros percursos foram trilhados pelos “mais poderosos”: “todos iam estudar fora. Tinham que ir pra Barbacena, Belo Horizonte, Juiz de Fora pra estudar fazer um curso melhor... Aqui não tinha nada. Depois montou um ginásio, ginásio Ibituruna”.¹¹ As facilidades de certas conexões não eram para todos; assim como o acesso aos elementos da modernidade, sempre tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe.

Essa história narrada com riqueza de detalhes pelo Sr. MR chega até meados da década de 1960. É esse o escopo temporal que sua memória estabelece para tecer a sua trama sobre o Centro. A década de 1960 será melhor vislumbrada a partir da narrativa do Sr. AC.

b) Sr. AC e a Valadares nas décadas de 1960

Sr. AC, natural de Peçanha, chegou a Governador Valadares em 1964. Trabalhou e morou no Centro. Nosso colaborador, diferentemente do Sr. MR, já conheceu a cidade com calçamento nas principais ruas do Centro por ele demarcadas (Israel Pinheiro, Sete de Setembro e Afonso Pena). A temporalidade da modernidade propagada pelo Sr. AC já se expressava concretamente em alguns prédios que surgiam na cidade (Pastoril, Pioneiro e Lincoln Build). Relembrou os namoricos (*footing*) na pracinha, o cinema aos domingos e os clubes sociais (Ilusão e Minas Club). Relembrou, também, o Carnaval com os carros alegóricos e o esvaziamento das festas com a Revolução de 1964. Homem habituado ao comércio, seu enfoque

¹¹ Informação oral concedida pelo senhor MR aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

foi especialmente para a dinâmica dos armazéns, lojas e indústrias que se estabeleceram na cidade e, de certa forma, se concentravam no Centro.

Essa rua São Paulo [rua do Centro] era movimentadíssima em [19]60 e poucos. Tinha uns 20 armazéns aqui nessa rua. Era um atrás do outro e era uma fileira de caminhão carregando e descarregando direto. Valadares abastecia uma região enorme. Até a Bahia vinha comprar aqui. O sul da Bahia que eu falo é assim... é ali, Almenara; mais ali para cima assim, perto de [Vitória da] Conquista, pra cá de Conquista já vinha aqui. Almenara, Itaobim, Padre Paraíso, Teófilo Otoni, mas já tinha um comércio mais ou menos. Mas acima de Teófilo Otoni, Pavão, Águas Formosas vinham comprar aqui. Valadares tinha um comércio muito ativo. Mas produção mesmo de cereais e grão nada. Vinha tudo de fora. Vinha alguma coisa da região, uma produçãozinha de feijão, de milho, de café e vinha de fora também. Mas porque o comércio aqui...aqui era um centro, um polo. Um polo mesmo. Nos anos 70, eles abriram o Ceasa em Belo Horizonte. Aí o comércio aqui só foi afundando, foi acabando. Porque o Ceasa tinha mais preço, mais condição. Apareceram os supermercados. O próprio produtor do feijão começou a empacotar e a vender direto para o supermercado. Tirou esse atravessador que era o atacadista. O comércio foi variando e foi para avenida Brasil. E esse comércio ficou variado, [tinha] de tudo um pouco, armarinho, sapato, roupa, móveis; [a Padaria] Prado ali, bolo, doce; embalagens, material de construção e misturou e virou aquela miscelânea. Só ficaram esses dois de armazéns que te falei, o Neto e o Lana. Só os dois.¹²

De certa maneira, o Sr. AC, a partir de sua narrativa, nos permite vislumbrar o encurtamento dos espaços entre o Centro de Valadares e as cidades vizinhas. Destaca o movimento de cargas e pessoas e posiciona o miolo do bairro como um polo até o surgimento dos supermercados.¹³ Estes últimos marcam uma nova temporalidade que desalinha a temporalidade marcadamente tradicional que fazia do ramo do comércio, antes de tudo, uma relação social. O Centro, frente a essa nova temporalidade, se expande e migra algumas de suas atividades comerciais para a Avenida Brasil. Em sua narrativa o Centro aparece bem marcado:

O Centro era da Avenida Minas Gerais ali e pegava aqui... o Centro, Centro mesmo era dessa rua São Paulo até na rua ... até no Democrata mais ou menos. Na Sete de Setembro até Israel Pinheiro, na Marechal Floriano. Dali do Democrata pra lá é Esplanada. Daqui pra cima, do mercado pra cima já muda já é bairro São Geraldo. Centro é mercado até [o Estádio do] Democrata e da Sete de Setembro até Marechal. Marechal Floriano, mais ou menos. Prudente de Moraes. Prudente de Moraes é o Centro.¹⁴

¹² Informação oral concedida pelo senhor AC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

Através da Figura 5 a seguir é possível vislumbrar um Centro bem diferente daquele traçado pelo Sr. MR, anteriormente.



Figura 5: Vista aérea de Governador Valadares (década de 1960). Fonte: Fotos antigas e atuais de Governador Valadares - MG.

Bem distante daquela imagem do Sertão empoeirado, o Centro já aparece com água e luz e a temporalidade da modernidade se torna mais homogênea. O Sr. AC enfatiza: “No centro tinha luz e água. E os bairros aqui pertinho tinham também. Não tinha problema nem de água e nem de luz não. Tinha Cemig e tudo. Não faltava luz. Não tinha dificuldade em [19]60 e pouco; não tinha problema não. Tinha não”.¹⁵ Por outro lado, o perigo que antes parecia disperso espacialmente e concentrado apenas na motivação, sempre voltada para a disputa de terras, na narrativa do Sr. MR, se especializa nas palavras do Sr. AC, que fixa a violência:

¹⁵ Informação oral concedida pelo senhor AC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

Ah... muito perigoso era a zona boêmia. Era a zona boêmia, era. E aquela região perto da rodoviária. Por ali atrás da rodoviária quando eu cheguei aqui era muito escuro, muito perigoso ali também. Já era rodoviária ali? Não a rodoviária inaugurou em 60 e ...68 deve ser, 67 mais ou menos. Os ônibus quando eu cheguei aqui paravam ali em frente ao Fórum, por ali. Ali tinha um hotel chamado Rio Doce. E ele parava ali. Em [19]67, [19]68 que fizeram aquela rodoviária. Ali naquela rodoviária era muito escuro, tinha muita tora de madeira. Tinha muito crime por ali.¹⁶

Entretanto, a violência não estava apenas na criminalidade que marcava espaços entre grandes fazendeiros e posseiros, ela também marcou a memória do Sr. AC quando os militares tomaram o poder em 1964.

Foi a revolução mesmo que eu lembro assim que mais chocou e que mais mexeu com a cidade. Prendeu muita gente. Eu lembro. A gente morava quase em frente a porta da cadeia. Foram vários presos: médico, professor, colegas (até colegas meus), empresários. Tudo preso, algemado com as mãos para trás assim, com a cabeça baixa entrando num ônibus amarelo dessa cor aí e marrom lembro até hoje da Sitran. A empresa chamava Sitran. [Foram] levados para o Rio de Janeiro março de [19]64, abril. Os caras saíram presos da cadeia ali inclusive médicos inclusive um é até meu vizinho foi o que mais chocou que mais mexeu com a cidade foi isso. Foram várias mortes. Pra você vê na rua perto do Democrata morrem três e ficou baleado um. Lá na outra mataram e procuraram vários aí para matar. Os fazendeiros na época, [procuravam] pra matar vários aí. Mas não conseguiram encontrar o resto, esses líderes né. Os líderes dessa invasão. Foi a revolução mesmo em [19]64. Depois a polícia veio. Você não poderia fazer uma reuniãozinha na esquina assim que a polícia chegava e queria saber o que que era.¹⁷

Em sua narrativa, emergem o assombro vivido na adolescência, as prisões de amigos e vizinhos, as mortes que redimensionavam a efervescência do Centro. Todos esses elementos significativos retiravam as esquinas da cidade, represava o fluxo espaço-temporal, congelando momentaneamente Valadares. O movimento logo voltaria em outras práticas. O Centro novamente se conecta a outros espaços, agora, via emigração. Muitos jovens iniciam um processo que ganharia expressividade nas décadas seguintes.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Informação oral concedida pelo senhor AC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale. A invasão citada pelo Sr. AC diz respeito à Fazenda Ministério. Ver MEDEIROS, 2011.

A [e]migração começou em 60 e tantos, 65, 66 eu tive vários amigos que foram para lá. Me chamaram para aí, mas na época eu não topei não. 65, 66 naquela época não tinha visto, não tinha nada. Eles iam pra lá e não tinha visto era fácil demais para ir. Veio dinheiro de 70 pra cá inundou isso aqui de dinheiro. A cidade e a região. Valadares deve muito ... o desenvolvimento de Valadares. Porque aqui nunca teve indústria mesmo. Aqui teve uma época que pra você comprar uma bicicleta só falava em dólar. Tudo, tudo era dólar. Ah, quanto você quer nessa bicicleta? Era tantos dólares. Ah, quanto você quer naquele boi lá? Ah, tantos dólares. Tudo era dólar.¹⁸

“Tudo era dólar” e a juventude localizada no Centro passava a ter acesso ao consumo dos grandes centros.

Depois nos anos 60 e poucos apareceu uma boate também foi um movimento danado na época chamava Paiol 120, ali na Israel Pinheiro. E tinha o Fire Boys que era do Magela. Magela tá aí até hoje. E tinha a Fire Girls que era das mulheres. Era da mulher do Magela e um grupo. Fire Girls. E tinham uns outros dois ou três aí, mas os principais eram esses. Escorpiões, Fire Boys e Fire Girls. Foi quando eu conheci misto quente. Esse cara...esse cara já trouxe dos Estados Unidos aquela época já [tinha] misto quente e o ketchup. Ele chamava Benjamim e trouxe essas novidades pra cá. Misto quente e o americano. Você conhece o americano? O sanduíche. É. Americano com ovo, alface, ervilha e ovo. Ele trouxe o americano. Em 66 e 67 ele já tinha morado lá. Ele foi pra lá em 63, 64. Ficou lá um ano e pouco. E abriu essa boate.¹⁹

Distante da antiga prática de entretenimento pautado na Zona Boêmia, agora a juventude preferia as boates. Elas vieram na esteira do encurtamento espaço-temporal do Centro, expressando a retomada de contatos antigos com os Estados Unidos, já largamente desenvolvido pela presença do SESP e pela extração da mica. De lá também vieram o misto quente, o sanduíche americano e o Ketchup; as bandas de música com nomes americanos, redimensionando os padrões locais e incluindo novos matizes culturais que se misturam aos tradicionais que sobreviveram às décadas seguintes. A questão da emigração aparece e ganha expressão em sua narrativa, processo que se tornará bastante significativo na década de 1980. Nesse sentido, a narrativa do Sr. ZC, pautando a década de 1970 mostram a permanência de certos padrões que gradativamente vão se redefinindo e até, em alguns casos, desaparecendo.²⁰

¹⁸ Informação oral concedida pelo senhor AC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

c) O Sr. ZC e a década de 1970

Natural de Lage, na Bahia, o Sr. ZC é morador do Centro há 42 anos. Em seu relato destaca-se o comércio existente no bairro. Reafirma os vinte armazéns existentes na rua São Paulo e o transporte de carroça, na década de 1970. O Sr. ZC também ressalta a figura de uma nova temporalidade com o início do Distrito Industrial e com os Supermercados.

Tinha, tinha muito armazém. Em quase todo lugar aqui tinha um armazém. Devia ter uns vinte só na rua São Paulo. No Mercado [Municipal] também tinha diversos atacadistas. Depois veio o Distrito Industrial. Os atacadistas foram pra lá devagar. Aí, esses armazéns foram acabando e tal. Veio a época do supermercado. Então o povo começou a comprar no supermercado. O poder aquisitivo foi melhorando.²¹

Quanto ao bairro o destaque continua sendo o comércio e a proximidade com a Zona Boêmia, denominado pelo Sr. ZC de rua de prostituição, conhecida como *Torresmo*. A violência local e o Capitão Pedro marcaram suas lembranças. Um tempo perpassado pelo progresso que remodelou o espaço, com o surgimento de casas boas, redimensionando os arredores do Mercado Municipal.²²

Antes do bairro... ah aqui tinha as casas de comercio e tal. Aqui nesse setor por perto tinha uma rua de prostituição que chamava o torresmo (risos). Daí o progresso foi chegando e acabou com isso tudo. Começaram a edificar casas boas etc. No Mercado também tinha ruas por lá com um bando de mulheres de vida livre - como se chamava naquele tempo -, dava muito movimento e tal. Mas a violência sempre teve em todos os cantos. Aqui também tinha um pouco, não era muito fácil. Mas tinha o famoso, o legendário Capitão Pedro Ferreira. Ele já era coronel nessa época e desvendou isso tudo; descobriu esses crimes e conseguiu trazer muita paz pra região.²³

Em meio aos tempos do progresso, o Sr. ZC pontuou a chegada de muitas pessoas, especialmente antes da época das águas. A população vizinha vinha abastecer-se já que as estradas ficavam precárias entre novembro, dezembro e janeiro, período de muita chuva e até inundação em várias cidades ribeirinhas ao rio Doce.

²¹ Informação oral concedida pelo senhor ZC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

²² Idem.

²³ Idem.

Houve projeto [planta da cidade], mas muito antes, muito antes. Aqui continua a mesma [coisa]. As mesmas ruas, sem ter havido loteamento, as mesmas edificações modificadas. Já construíram muito depois. Foi chegando o progresso, muita gente do interior vinha, principalmente quando chegava perto das águas. Vinham as pessoas fazer compra e passava três quatro meses. As estradas não tinham [infraestrutura]. As estradas eram ruins precárias ou não tinham rodovia. Precisavam abastecer pra passar no mínimo agosto, setembro... Era mais setembro, outubro, novembro e dezembro que chamava o mês das águas. Ah veio muita gente da Bahia, aqui quase foi valorizado pela Bahia. Chegaram também nordestinos: do Rio Grande do Norte, da Bahia, de Pernambuco. Um monte mesmo, inclusive, essa potência de hoje, o [Supermercado] Coelho Diniz pertence a uma família de lá, do Rio Grande do Norte. Oh, muitas vezes vinha de pau de arara. Mas vinham também pessoas de ônibus. Tinha uma estradazinha [sic] precária aqui, antes da Rio-Bahia. Era precária, mas vinha, e tinha a estrada de ferro que era de Teófilo Otoni a extremo sul da Bahia. A estrada foi fechada pelo Ministro de Viação e Obras Públicas General Juarez Távola.²⁴

O progresso e a modernização marcados pela chegada dos supermercados e pelo afluxo de nordestinos que afluíram para Governador Valadares não se espacializavam em todos os cantos da cidade. Mesmo no Centro, as ruas pavimentadas viviam em estado precário. O movimento intenso de migração interna que caracterizou o contexto brasileiro das décadas de 1960 e 70 redimensionou o traçado urbano de Valadares. Esse afluxo de pessoas inicialmente inflava o Centro e, posteriormente, se desdobrava, desembocando em áreas periféricas.

No nosso bairro tinha um asfalto todo esburacado, todo feio. Algumas ruas mais pra lá, não tinham calcamento. Inclusive tinha um pedaço na Avenida Minas Gerais, lá pro lado da pizzaria Waldinely, onde hoje existe um Coelho Diniz também, ali tinha um pedaço que era barro puro. Depois do “Mergulhão” [túnel], andava um pouquinho e o resto era barro.²⁵

Em termos religiosos, o Sr. ZC lembrou-se da igreja evangélica e do Pastor Edivaldo Fernandes de Cardoso, um baiano, vindo do Rio de Janeiro. Entre os clubes locais, destacou o Minas Club, o Ilusão e o Garfo com os bailes de carnaval e o réveillon. O vertiginoso afluxo de nordestinos criou espaços-tempos próprios, cuja maior expressão se deu na área do entretenimento. Agora, não mais centrado na área boêmia, a narrativa do Sr. ZC dá relevo ao forró mais famoso: o do Zé Belém, no bairro de Lourdes.²⁶

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

04 – OS VÁRIOS ENTRELAÇAMENTOS: MEMÓRIA/HISTÓRIA, NARRATIVA E TERRITÓRIO

A memória narrada por cada um dos nossos colaboradores é dinâmica, flui no tempo e no espaço. Nesse sentido, a construção da narrativa através da memória articula os eventos do passado e estabelece recortes espaços-temporais, destacando, assim, a “reciprocidade entre narratividade e temporalidade” (GUIMARÃES NETO, 2005, p. 2). Em outras palavras, o tempo que cada um rememora é “organizado à maneira de uma narrativa” e torna-se “tempo humano” (GUIMARÃES NETO, 2005, p. 2; BARROS, 2011). A “narrativa extrai o seu sentido exatamente da possibilidade de “retratar os aspectos da experiência temporal” (BARROS, 2011, p. 218). Por isso, consideramos que “narrar é configurar ações humanas específicas, mas também discorrer sobre significados e analisar situações” (BARROS, 2011, p. 220). Ou seja, ao contar sua história o colaborador seleciona e organiza de forma alguma inocente, suas lembranças dando-lhes determinado sentido, nos conduzindo a um “jogo das experiências sociais” (GUIMARÃES NETO, 2005, p. 2).

Mediante essas considerações, destaca-se que memória e espaço estão intimamente relacionados, de tal modo que não tem como falar de um sem abordar o outro. Ou seja, “todo relato de memória é um relato de percurso”; desse modo, as narrativas indicam lugares (GUIMARÃES NETO, 2005, p. 2). Em cada uma de suas narrativas nossos colaboradores estabeleceram suas próprias dinâmicas de movimento. Ao ocuparem o lugar, automaticamente, modificaram-no e o tornaram um lugar praticado. Em outras palavras, o Centro se tornou um lugar praticado por cada um deles, em diferentes temporalidades. Assim, o ato de caminhar pelo Centro, rememorando o passado, redimensionou a ordem espacial e configurou uma dada organização territorial para cada um deles (CERTEAU, 1994, p. 45).

Para Bernard Lepetit, partindo de Braudel, uma organização territorial sempre emerge de um conjunto de configurações anteriores. “As sociedades urbanas não se alojam em conchas vazias encontradas por acaso: procedem continuamente a uma reatualização e a uma mudança de sentido das formas antigas” (LEPETIT, 2001, p. 147). Ou seja, se o referencial da memória é o espaço, “o território é

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

essencialmente uma memória, e seu conteúdo é todo constituído de formas passadas” (LEPETIT, 2001, p. 149); isto é, composto de várias temporalidades que se entrelaçam umas as outras. Em cada narrativa ficam expressas as falhas temporais que permitem aos nossos colaboradores retomar formas antigas que de algum modo se mantiveram em meio às formas contemporâneas do Centro. É como se o Centro atual, imerso totalmente no tempo presente, se apresentasse como um imenso painel com fissuras temporais que remetem a tempos passados e a um Centro com espacialidades submersas às que existem hoje. As vivências e experiências rememoradas pelos nossos narradores os autorizam a identificar tais fissuras. Percebe-se, nas palavras de Bernard Lepetit, uma “pluralidade de tempos descompassados” que trazem, aos elementos atuais do Centro, tempos difusos que fogem de qualquer linearidade e determinismo espacial. O bairro que emerge das narrativas surge de “fragmentos de espaço e hábitos vindos de diversos momentos do passado, (...)”, cruzando comportamentos e ritmos irregulares expressos em formas urbanas (LEPETIT, 2001, p. 146).

Entre o Centro/cidade vislumbrado pelo Sr. MR e aquele narrado pelos Srs. AC e ZC percebe-se nitidamente uma mudança na organização e nas funções sociais da cidade. Enquanto lócus da reprodução social o Centro delineado pelo Sr. MR apresentava uma centralidade em torno da estação de trem com poucas ruas que concentravam a efervescência de toda a região. Em contiguidade direta a essa centralidade surgia a ruralidade que predominava. Assim como as cidades na Antiguidade, o ainda Distrito de Figueira foi ganhando um novo redimensionamento à medida que a sociedade se tornava cada vez mais complexa. Do comércio praticado em grandes galpões, próximos à estação, a prática foi se espalhando para outros locais do Centro, sendo realçado o papel exercido pela rua São Paulo. O fortalecimento do comércio nessa área trouxe mudanças urbanísticas e arquiteturas significativas no Centro narrado pelos Srs. AC e ZC.²⁷ Segundo Lefebvre, esse processo ocorre porque a cidade muda

²⁷ Informação oral concedida pelos senhores MR, AC e ZC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

quando muda a sociedade no seu conjunto. Entretanto as transformações da cidade não são resultados passivos da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também das relações de imediatez, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõe a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações etc.); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações (LEFEBVRE, 2001 p. 52).

Dessa forma, nos aspectos nitidamente materiais, tanto o Sr. AC quanto o Sr. ZC destacam como a atividade comercial fortaleceu o Centro e, conseqüentemente, a cidade, permitindo que a mesma enriquecesse e se tornasse um polo regional, concentrando cada vez mais as atividades do capital que circulavam em toda a região.²⁸ Mas, eles também demonstram que as transformações oriundas das práticas capitalistas permaneciam entrelaçadas e foram apropriadas a partir da prática social pautada nos valores e costumes dos cidadãos (ARAÚJO, 2012). Gradativamente, essas práticas prepararam o Centro para um redimensionamento: a industrialização (LEFEBVRE, 2001, p. 11). Nesse caso, vemos nas narrativas algumas expressões que buscam dar uma dimensão mais precisa da transformação ocorrida, especialmente com a quase extinção dos armazéns, a chegada dos supermercados e a surgimento do Distrito Industrial.

Em paralelo a esse redimensionamento surgem outros centros com funções distintas. Inicialmente as fábricas se instalaram fora do tradicional 'centro' da cidade dando origem a um novo centro. Esse espaço que rivaliza com o Centro já constituído apresenta características fabris, marcando uma nova fase. Seu foco eram as fontes de energia ou de matérias primas que estavam em lugares afastados do Centro original, como ocorre com o surgimento do bairro São Pedro que, segundo o Sr. MR, abrigou a Cobrais e a Açucareira.²⁹ A industrialização das cidades leva a um processo que Lefebvre chama de implosão-explosão que em parte redefine a centralidade social e os papéis político e comercial ao mesmo tempo em que desloca as pessoas para a periferia (LEFEBVRE, 2001; CARDOSO, 2011).

²⁸ Informação oral concedida pelos senhores AC e ZC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

²⁹ Informação oral concedida pelo senhor MR aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

O processo de crescimento inicial sustentado pelo comércio e concentrado no Centro passa por uma reconfiguração, consolidando atividades fabris e gerando espaços periféricos e segregados, especialmente com o afluxo de pessoas oriundas do nordeste do país. Os processos de industrialização nas três narrativas redefinem e até suprimem as relações e as fronteiras dentro da cidade. O Centro rodeado pela fazenda dos Cabral, muito bem definido pelo Sr. MR, tem suas ligações de cidade-campo e centro-periferia alargadas em meio a uma intensa urbanização que requer novas centralidades e, conseqüentemente, novas formas de segregação, dando origem a inúmeros outros bairros. A alteração do uso e ocupação do espaço pode ter contribuído para que nosso colaborador não incorporasse a temporalidade do novo espaço social a ponto de o transformar em território. Ele cita que morou no bairro São Pedro, mas sua narrativa imediatamente ressalta a configuração de uma centralidade na qual orbitavam as fábricas, afinal, o São Pedro se localizava num brejo (CARDOSO, 2011).³⁰

Em síntese, “A passagem do tempo modifica o espaço, onde as práticas sociais do consumo e da apropriação do território não só alteram as formas do urbano como também a função e o uso do mesmo espaço...” (PESAVENTO, 2005, p. 12). Nossos demais colaboradores, Srs. AC e ZC também demarcam temporalidades que denotam um dado uso e apropriação do Centro que os levam a selecionar ‘épocas’ específicas para expressar suas vivências nesse bairro. Ao serem questionados pela história do local onde moraram e trabalharam definem livremente tanto o ponto de partida quanto o ponto de encerramento de suas narrativas, selecionando em meio a um torvelinho de memórias uma sequência ancorada num espaço significado e repleto de sentidos.³¹

³⁰ Ver também informação oral concedida pelo senhor MR aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

³¹ Informação oral concedida pelos senhores MR, AC e ZC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

05 – CONSIDERANDO A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIA

De fato os Srs. MR, AC e ZC não habitaram uma concha vazia, nos dizeres de Lepetit (2001). Aliás, o Sr. MR fez questão de iniciar sua narrativa com informações que antecederam sua chegada à cidade e ao Centro. O bairro Centro, decantado a partir de tantas memórias, foi desvelado de várias formas em narrativas que demarcaram claramente temporalidades distintas.³² O espaço do bairro foi significado e as relações sociais estabelecidas demarcaram um território fluido e dinâmico passível de observação a partir de flashes e pistas generosamente apresentadas pelos nossos colaboradores. A partir de suas narrativas o Centro fluiu no tempo e no espaço, foi recortado espaço-temporalmente e ganhou sentido a partir da organização e da expressão das experiências e vivências de cada um (GUIMARÃES NETO, 2005).

Em cada dinâmica de movimento, vivenciamos com a memória deles, a ocupação e a prática do bairro (CERTEAU, 1994). São essas formas passadas que emprestam fluidez à história do Centro, retirando-o de sua habitual linearidade documental. Das várias narrativas o Centro emerge de uma floresta em direção à modernidade por meio de um cordão umbilical preso inicialmente à estrada de ferro. Por meio dela, portais espaço-temporais se abrem e vários elementos saltam: as novidades do cotidiano dentre as quais a circulação de pessoas estranhas à vida comunitária (identificada com traços indígenas), a violência da luta pela terra e o comércio intenso, envolvendo tanto produtos quanto o prazer obtido na zona boêmia. Em meio a um processo avassalador, o Centro sofre inúmeros redimensionamentos: se torna a própria modernidade para aqueles que, oriundos dos arredores, passam a ter acesso às novidades de outros centros; mas, também se torna uma periferia em relação a centros mais dinâmicos não só do Brasil como de outras partes do mundo. Congelado num espaço-tempo fixo ditado pelo Regime Militar na década de 1960, o movimento de produtos e de pessoas se redireciona e a emigração reconecta aquele contexto conturbado àquele de tempos áureos com a extração da mica e da implementação dos serviços do SESP, permeado por personagens americanos. Os

³² Informação oral concedida pelo senhor MR aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

primeiros grupos de valadarenses, alguns deles conhecidos do Sr. AC, expandem a fronteira do Centro até os Estados Unidos e trazem de lá novos signos de modernidade: o sanduíche americano, o Ketchup, as boates e as bandas em estilo americano.³³

Os percursos experimentados e narrados nesse artigo longe de delinear de modo rígido o bairro Centro servem para abrir novos percursos de pesquisas futuras. Essas narrativas contribuem para revelar dinâmicas e vivências significativas mas levantam personagens e lacunas desafiadores: nos incitam a conhecer melhor a história do Coronel Pedro, nos fazem pensar na Vila Operária, na zona boêmia, no Mercado Municipal que ancorou o surgimento posterior de tantos armazéns na rua São Paulo, na violência cotidiana oriunda do intenso processo de grilagem de terras ocorrida em toda a região e, nos leva a pensar em como esse Centro poderia ser traduzido e contado a partir de outras vivências, como por exemplo: pelas mulheres.

De fato, o entrelaçamento entre memória e história proposto no início desse artigo se mostra mais vigoroso e necessário sempre que se propuser uma investigação da formação histórica de um determinado território, seja ele uma cidade ou até mesmo um bairro. Pensar esse processo de forma integrada, agregando diversas dimensões territoriais exige redimensionar a linearidade espaço-temporal proposta documentalmente. A busca dessa integração lança um desafio sobre a dinâmica interna dessa 'concha'. Se de um lado ela se fecha para poder ter uma identidade; de outro lado, ela está aberta e relaciona-se com inúmeros territórios. Com isto supera-se a ideia de que o bairro seja uma simples construção e caminha-se na direção da compreensão do bairro como lugares de habitação onde os seus moradores além de uma voz tenham um percurso histórico único (HEIDEGGER, 1954).

³³ Informação oral concedida pelo senhor AC aos pesquisadores Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

06 – FONTES ORAIS

Senhor MR. Entrevista concedida a Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

Senhor AC. Entrevista concedida a Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

Senhor ZC. Entrevista concedida a Cristiane Caldas Diniz Teixeira e Tiago Farias Braga, em agosto de 2014. Acervo: Observatório Interdisciplinar do Território/Univale.

07 – REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: Simpósio Nacional de História, 22, João Pessoa, PB. *Anais eletrônicos...* João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/6705>. Acesso em: 07 set. 2015.

ARAÚJO, James Amorim. Sobre a cidade e o urbano em Henri Lefebvre. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 31, p. 133 - 142, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74258/77901>>. Acesso em: 07 set. 2015.

BARROS, José D'Assunção. "Paul Ricoeur: a consonância dissonante". In.: _____. *Teoria da História*. V. 4: Acordes historiográficos: uma nova proposta para a teoria da história. Petrópolis: Vozes, 2011.

BARROS, Sandra Augusta Leão. *O que são os bairros: limites político-administrativos ou lugares urbanos da cidade? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARDOSO, Isabel Cristina da Costa. O espaço urbano e a re-produção das relações sociais no pensamento de Henri Lefebvre: contribuições à teoria social crítica. *Libertas*. v. 11. n. 2, 2011. Disponível em: <https://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/download/1663/1159>. Acesso em: 11 Set. 2015.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 – Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. Andando na Cidade. Tradução Anna Olga de Barros Barreto. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 23, p. 21-31, 1996.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. *Associação comercial de Governador Valadares: sessenta anos de história*. Governador Valadares: ACGV, 1999.

FONSECA, José Raymundo. *Figueira do Rio Doce*. Governador Valadares, 198-[?].

GENOVEZ, Patrícia Falco; CAZAROTTO, José Luiz; VILARINO, Maria Terezinha Bretas. Entre o rústico e o moderno: a territorialização da medicina preventiva no Médio Rio Doce. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso), v. 19, p. 1333-1340, 2012.

GONÇALVES, J. R. *Espaço, Tempo e Memória, recompondo a trajetória das vilas populares em Campinas: o exemplo da Vila Castelo Branco*. Dissertação (Mestrado em Artes e Multimeios) – Instituto de Artes e Multimeios, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. História, Memória e práticas de espaço. In: Simpósio Nacional De História, 23., 2005, Londrina. *Anais...* Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206569_c76382b898ee372141521dd119a00ee5.pdf. Acesso em: 11 Set. 2015.

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira. *Novos valores, velhas questões: o planejamento urbano em Governador Valadares*. Tese (Doutorado em Sociologia e Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2002.

HEIDEGGER, Martin. CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR. [Bauen, Wohnen, Denken] conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt" (1951), publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf. Acesso em: 20 ago. 2016.

GENOVEZ, Patrícia Falco; TEIXEIRA, Cristiane Caldas Diniz; BRAGA, Tiago Farias. Relação entre História e Memórias: Narrativas da Formação Histórica e Territorial do Centro de Governador Valadares (MG).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades*. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/233E8>. Acesso em: 16 jul. 2014.

LÉFÈBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova História Urbana*. São Paulo: Edusp, 2001.

LOVISOLO, Elena *et al.* 'Bairro'. *Larousse cultural*: dicionário de língua portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

MEDEIROS, N. *Fazenda do Ministério*: um território, dois momentos, muitos significados. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2011. Disponível em: http://univale.br/cursos%5Ctipos%5Cpos-graduacao_strictu_sensu%5CDissertacoes-GIT-APPG-2015%5CDisserta%C3%A7%C3%A3o%20Nagel%20Medeiros%20-%202011.pdf. Acesso em 20 jul. 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. *Lepaarq.* v. 2, n. 4, 2005. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/893/873>. Acesso em: 12 ago. 2015.

SANTOS, Parajara dos. *O Katzensprung: crônicas reais com personagens reais*. Governador Valadares: S/ed, 2000.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Memórias sobre a história de uma cidade: a História como labirinto. Belo Horizonte, *Educ. rev.* n. 47, p. 241-270, Jun. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n47/14.pdf>. Acesso em 20 jul. 2014.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas. *Da lata d'água ao SESP*: tensões e constrangimentos de um processo civilizador no Sertão do Rio Doce (1942-1960). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas. *Entre lagoas e florestas*: atuação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) no saneamento do Médio Rio Doce (1942 e 1960). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 02 Páginas 39-67
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	